

## **Aglomerções de empresas de produtos de maior valor agregado: o caso do Arranjo Produtivo Local de Moda Bebê e sua influência no desenvolvimento de Terra Roxa, Paraná**

Rodrigo Ulisses Garbin da Rocha, Derek Voigt, Nelson Casarotto Filho

**Resumo:** Resultados de maior grau na equação do valor atribuído a um produto sobre seu preço, são características de produtos chamados diferenciados, como produtos de moda bebê. A proposta do presente artigo é contextualizar o cenário de desenvolvimento regional por meio da estruturação de um APL, especialmente por ser de um produto de maior valor agregado, e que garante melhores condições de competitividade num cenário de competição internacional. Para tal seu objetivo é analisar, com base em informações da experiência internacional e nacional, o processo de formação e desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local (APL) e sua influência no desenvolvimento econômico social da região. Um modelo de transformação é apresentado que ilustra a importância de os atores estarem expostos a novas ideias e visões para a mudança industrial por empresários, agentes políticos e redes externas. A apresentação de ações tomadas pelas empresas constituintes do Cluster, assim como a mensuração dos resultados ao longo dos anos, firmando a viabilidade da alocação de recursos para o desenvolvimento de determinado segmento em nível de cooperação. Caracterizar o APL por meio de ações correlacionadas com a sociedade, a inovação, geração de emprego e renda, aumento da eficiência produtiva, são formas de uma mudança adaptativa e que envolve um processo de aprendizado estratégico entre os principais atores industriais e políticos da região, para assim enfrentar os desafios da concorrência e se fortalecer diante um mercado altamente dinâmico.

**Palavras chave:** Arranjo Produtivo Local, Desenvolvimento Regional.

## **Agglomerations of companies with higher added value products: the case of the Baby Fashion Local Productive Arrangement and its influence on the development of Terra Roxa, Paraná**

**Abstract:** Greater results of the value equation assigned to a product on its price, are characteristics of so-called differentiated products, such as baby fashion products. The purpose of this article is to contextualize the regional development scenario through the structuring of an APL, especially as it is a product with higher added value, and which guarantees better conditions of competitiveness in an international competition scenario. To do this your goal is to analyze, based on information from national and international experience, the process of formation and development of Local Productive Arrangement (APL) and its influence on social economic development of the region. A transformation model is presented that illustrates the importance of the actors are exposed to new ideas and visions for industrial change by businessmen, politicians and external networks. The presentation of actions taken by the constituent companies of the Cluster, as well as measurement of results over the years, establishing the feasibility of allocating resources to the development of certain segment-level cooperation. Characterize the APL through actions correlated with society, innovation, job creation and income, increase production efficiency, are forms of an adaptive change that involves a strategic learning process among key stakeholders industries and politicians in the region, order to meet the challenges of competition and strengthen on a highly dynamic market.

**Key-words:** Local productive arrangements, Local development.

## 1. Introdução

Frente ao constante aumento da exigência do mercado por maior produtividade, inovação de valor, diferenciação competitiva e melhores padrões de qualidade, o ambiente organizacional tem se tornado mais amplo devido à globalização e ao aumento da quantidade de oferta de bens e serviços ao mercado consumidor. Tal situação faz com que as organizações passem a competir em mercados cada vez mais exigentes (ANTONELLI; FASSIO, 2014; CASAROTTO FILHO, 2015).

Na expectativa de superar suas limitações, as empresas buscam novas possibilidades para permanecerem no mercado. Um mecanismo utilizado é o estabelecimento de alianças e parcerias interempresariais. Logo, a formação de redes de empresas para a atuação conjunta e associativa, com base em mecanismos de cooperação, constitui uma alternativa que viabiliza o atendimento de necessidades comuns e a obtenção de vantagens competitivas que seriam mais difíceis de serem conquistadas individualmente (CUNHA, 2007; FISCHER et al., 2014).

A formação de redes fomenta uma maior eficiência empresarial e a disponibilização de recursos produtivos essenciais para a operação em condições competitivas, que isoladamente dificilmente as empresas teriam acesso (WEGNER; DAHMER, 2004). Além de gerar economias de escala, uma rede aprimora a vocação empresarial da localidade, desenvolve a cultura empresarial de cooperação entre os agentes bem como estimula a inovação de produtos e processos (FUMAGALLI; TRENTI, 2012).

O sucesso de clusters provocou iniciativas de governos e outros atores sociais, incluindo as universidades, para promover o desenvolvimento de modelos industriais regionais que repliquem a dinâmica de empreendedorismo e inovação dos clusters bem-sucedidos. Estas atividades destinam-se a reestruturar a atividade econômica em uma região, o desenvolvimento de novas indústrias e modelos de coordenação econômica envolvendo redes de empresas e alianças entre governos locais, universidades, mão de obra qualificada e empresas (AMIN, 1999; BRESNAHAN et al, 2005; COOKE e MORGAN, 1998).

Aglomerações geográficas e/ou setoriais tipicamente de micro e pequenas empresas têm se tornado objeto de políticas e estudos industriais nas últimas duas décadas, em vários países, inclusive Brasil. Essas aglomerações, dependendo de sua configuração, são chamadas por diversos autores de arranjos produtivos locais - APLs, sistemas locais de inovações, sistemas produtivos locais, clusters, entre outros. Essas diversas denominações têm em comum a ênfase na importância dos aspectos locais para o desenvolvimento e a competitividade das empresas (DALLA VECCHIA, 2006).

Por outro lado, produtos que tenham denominadores de maior grau na equação do valor a ele atribuído seu preço, são caracterizados como produtos diferenciados, e tem melhores condições de dar sustentabilidade ao clusters, suas empresas, e conseqüentemente, à região (CASAROTTO e PIRES, 2001).

O objetivo deste estudo é analisar, com base em informações da experiência internacional e nacional, o processo de formação e desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local (APL), cujo produto básico é um maior valor agregado em relação ao vestuário convencional, e sua influência no desenvolvimento econômico social da região. Para tanto o artigo em questão analisará o caso do município de Terra Roxa e a influência produzida na região pela presença do APL de Moda Bebê.

O artigo está organizado, além dessa introdução, nas seguintes seções: referencial teórico

onde, serão apresentados e discutidos os aspectos teóricos do Arranjo Produtivo Local e Desenvolvimento Regional. Método, seção onde é apresentada as técnicas de pesquisa utilizadas. Na seção Resultados e Discussões, serão analisados os resultados da experiência do município de Terra Roxa, para, então, serem apresentadas as considerações finais

## 2. Referencial Teórico

Este capítulo visa estabelecer o referencial teórico relacionado aos principais temas abordados no presente artigo. Para atingir tal finalidade julgou-se necessário tratar os seguintes temas: Clusters, APLs e competitividade (Seção 2.1) e Desenvolvimento Regional (Seção 2.2).

### 2.1. Arranjos Produtivos Locais

Porter (1999) define cluster como: “um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares”. Exemplos de tais entidades de interesse são: universidades, centros de pesquisa, agência de normatização, associação de indústrias, poder público, entre outras.

No Brasil, houve uma adaptação da palavra cluster para o termo arranjo produtivo local, e sua sigla APL, que se originaram a partir das discussões conduzidas pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) do Brasil, no final da década de 1990 (COSTA, 2010). E tem na sua definição as características de aglomeração de empresas de um mesmo segmento, ou cadeia, com um mínimo governança.

Toda e qualquer crise acende a necessidade de as empresas tornarem-se mais competitivas e mudar sua forma de atuar no mercado, colaborando e interagindo mais entre si, de forma verticalizada ou até mesmo horizontal, dentro da esfera na qual se engloba. Casarotto e Pires (2001) afirmam que o cluster desenvolve-se com base na experiência regional e pode conter empresas produtoras de produtos finais, verticalizar-se a jusante (serviços) ou a montante (fornecedores), além de relacionar-se com associações de suporte privadas ou ligadas ao governo, desenvolvendo relações de parceria público-privada. Os autores acrescentam “... vale observar que um cluster não necessariamente contém toda uma cadeia produtiva...”, dessa forma a relação pode ser apenas de cunho comercial.

Contudo o que torna os APL potencialmente benéficos para a competitividade de Pequenas e Médias Empresas (PME's) é o fato de existirem oportunidades para se obter eficiências coletivas, derivadas de economias externas e desenvolvimento de ações conjuntas (SCHMITZ, 1999). Conforme Gerolamo et al.(2008) clusters e redes de cooperação têm sido vistos como instrumentos que podem estimular a competitividades entre PME's, regiões e países por meio de inovação, dessa forma para que a inovação ocorra neste meio é fundamental que a “palavra-chave” cooperação esteja bem difundida, pois somente com a combinação de esforços e recursos em prol de agregação de valor será possível a estruturação de um processo, produto ou serviço.

Para Tavares e Castro (2014), as organizações de empresas em rede contribuem para a aquisição mais rápida de produtos especializados, acesso a novos maquinários e serviços especializados, obtenção de mão-de-obra qualificada, melhoria no diálogo entre fornecedores e clientes, maior interação com instituições de ensino e pesquisa, associações empresariais e organizações privadas que podem colaborar para influenciar as políticas públicas do setor. É possível encontrar na literatura diversas vantagens da associação de empresas em rede,

porém, Dalmoro, Vieira e Venturini (2008) destacam cinco fatores principais: ganhos de escala e de poder de mercado, acesso a soluções, aprendizagem e inovação, redução de custos e riscos e relações sociais.

A sustentabilidade num longo prazo será decorrente das adaptações às mudanças que ocorrem no ambiente externo às empresas. Nesse ponto tem vantagem aqueles cluster de produtos com maior valor agregado.

Porter (1990) criou as Estratégias Competitivas Genéricas. As duas mais conhecidas são a de Liderança de Custos, em que a empresa compete com produtos padronizados, de baixo custo e com ênfase no processo, e a de diferenciação, onde se busca produtos com maior valor agregado, alta flexibilização e a ênfase é no produto. A base é a equação

$$(\text{Valor} / \text{Preço}) > 1$$

As empresas que competem por Liderança de Custo buscam prioritariamente diminuir o denominador. As empresas que competem por diferenciação, buscam aumentar o numerador.

Essa mesma lógica pode ser aplicada aos clusters ou APLs. Dois casos interessantes em Santa Catarina são o do APL de móveis de São Bento do Sul e Rio Negrinho, e o de calçados de São João Batista. Enquanto o primeiro sempre buscou exportação de móveis baratos, colocando-se como exportador de produtos encomendados por dominadores externos da cadeia logística e design, o segundo buscou uma estratégia de diferenciação, adotando a linha do chamado Feminino Fashion.

São Bento e Rio Negrinho sempre estiveram à mercê de condições externas como a cotação do Dólar, e, de maior produtor de móveis do país, foi ultrapassado pelo APL de Arapongas do Paraná. Arapongas adotou uma estratégia de as empresas trabalharem com duas linhas, uma de combate (liderança de custos) e outra nobre (diferenciação), ambas com marcas e logotipos independentes, bem como “show rooms” separados, que lhe permitiu crescer com maior sustentabilidade (CUNHA, 2007).

São João Batista, é um caso interessante, pois de uma aglomeração fabricante de calçados baratos na década de 70, sofrendo alta concorrência de calçados chineses, e que esteve a ponto de desaparecer como aglomerado, reorientou sua estratégia, no final dos anos 90, para o Feminino Fashion, com design e marcas nobres com divulgação nacional, que puderam garantir a sustentabilidade do APL (CASAROTTO FILHO, 2018).

Moda bebê também é um caso de produtos diferenciado que será apreciado neste artigo.

## 2.2. Desenvolvimento Regional

Para que ocorra o desenvolvimento regional é necessário grau de coordenação para que um APL deixe de ser apenas um aglomerado de empresas e torne-se uma rede ou um sistema de inovação, gerando desenvolvimento, renda e capacitação para o meio na qual está inserida (GEROLAMO et al., 2008).

Casarotto Filho e Pires (2001) destacam que somente através da cooperação a competitividade das empresas podem se manter elevada. E afirmam que “a cooperação entre pequenas empresas é algo tão irreversível como a globalização, ou melhor, talvez seja a maneira como as pequenas empresas possam assegurar sua sobrevivência e a sociedade garantir seu desenvolvimento equilibrado”. (p.36)

Conforme Mattioda et al. (2009), o cluster apresenta capacidade de implementar ações e projetos, assim como de criar um ambiente favorável ao crescimento e desenvolvimento do setor, suportado por uma infraestrutura educacional e tecnológica, por exemplo, a criação de cursos técnicos, de graduação e especialização específicos para o atendimento das demandas setoriais, especializando ainda mais a mão de obra, além de ampliar a referência da região como centros especializados de assistência empresarial e científica para o determinado segmento.

Em uma economia global para que haja uma competitividade duradoura, faz-se necessário cada vez mais suporte de elementos localizados, como conhecimento, motivações e relacionamentos, estabelecidos em um espaço geográfico ou região aos quais empresas rivais não têm acesso (PORTER, 1998).

Um aglomerado de empresas em uma determinada região potencializa economias de escala, desenvolve o empresariado da região, garante a sobrevivência das organizações, desenvolve a cultura empresarial de cooperação entre os agentes e estimula a inovação (ZACCARELLI, 1995; FUMAGALLI; TRENTI, 2012).

A competitividade está intensamente relacionada com o desenvolvimento de vantagens competitivas geradas por meio do processo de inovação (PORTER, 1986). A inovação como um processo de transformar ideias em novos produtos ou serviços, promove a diferenciação da empresa no mercado, tendo como consequência o aumento da competitividade (BAREGHEH; ROWLEY; SAMBROOK, 2009). Assim, empresas formam alianças para estimular a inovação, melhorar o potencial competitivo e promover o crescimento econômico das empresas e o desenvolvimento regional (SOHN, 2015)

Verschoore e Balestrin (2008) consideram que redes com pouco tempo de existência têm maior ênfase na redução de custos e riscos, maior oportunidade de soluções, e o aumento do número de associados irá elevar os ganhos. Os benefícios como aprendizagem, inovação e relações sociais são fatores que determinam boas interações entre as empresas, conquistando aprimoramento conforme o grau de maturidade da rede. As relações sociais são prejudicadas quando há um número muito grande de empresas na rede, já os ganhos de escala e poder de mercado dependem do grau de maturidade da rede e, principalmente, de um maior número de associados (VERSCHOORE, BALESTRIN, 2008, apud MACEDO, 2015).

Dessa maneira formaliza-se o conceito de que redes cooperativas organizacionais promovem o desenvolvimento regional, pois estimulam processos cooperativos de aprendizado, favorecendo a melhoria da eficiência e eficácia de produção, gerando um ganho na competitividade da região (AMATO NETO ET AL., 2012).

Tavares e Castro (2014) ainda ressaltam que o aumento da competitividade pode influenciar positivamente a produtividade, lucratividade e aumento das vendas.

### 3. Método

Em concordância com a proposta de classificação da pesquisa compilada por Silva e Menezes (2005), segundo a natureza do problema abordado esta pesquisa caracteriza-se como aplicada, cujo objetivo é gerar conhecimentos para aplicação prática dirigida à solução de problemas específicos.

Sobre a forma de abordagem do problema é qualitativa, considera-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo

objetivo e a subjetividade do indivíduo que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais no processo de pesquisa qualitativa, não requerendo uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Sob o ponto de vista dos objetivos é exploratória, que visa proporcionar maior familiaridade com o problema a fim de torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2009).

O método de pesquisa eleito - estudo de caso - é utilizado quando existem muitas variáveis. A abordagem do processo como um todo e a flexibilidade nos procedimentos de coleta e análise dos dados são vantagens que contribuirão para a adoção deste método.

Um maior número de fontes de evidência eleva a qualidade da pesquisa, no entanto, nem todas as fontes são relevantes para todo estudo de caso. Cabe ao pesquisador a seleção e o uso apropriado das fontes de evidência (YIN, 2010).

A análise documental é utilizada com o objetivo de corroborar as informações obtidas por meio de outras fontes de evidência, sendo muitas vezes considerada como fonte secundária (YIN, 2010). Foram analisados documentos que caracterizavam o APL de Moda Bebê de Terra Roxa, em sua maioria documentos públicos relacionados ao município e estudos referentes ao APL.

Foram realizadas ainda entrevistas com os coordenadores da Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral envolvidos na Rede APL Paraná e com a coordenadora da APL Moda Bebê de Terra Roxa.

#### **4. Resultados e Discussões**

Este capítulo visa estabelecer o referencial teórico relacionado aos principais temas abordados na presente resenha crítica. Para atingir tal finalidade julgou-se necessário tratar os seguintes temas: Evolução dos Clusters (Seção 3.1) e Desenvolvimento Regional (Seção 3.2).

##### **4.1. O município de Terra Roxa**

O município de Terra Roxa foi criado pela Lei Estadual nº 220, de 14/12/1961, está localizado na região oeste do Estado do Paraná (Figura 1). Sua criação bem como seu processo de colonização segue o padrão adotado pelo Paraná em relação à região oeste. A Companhia de Colonização e Desenvolvimento Rural (CODAL) comprou a área onde se localiza o município e dividiu a terra em lotes rurais e urbanos (PARANACIDADE, 2005).



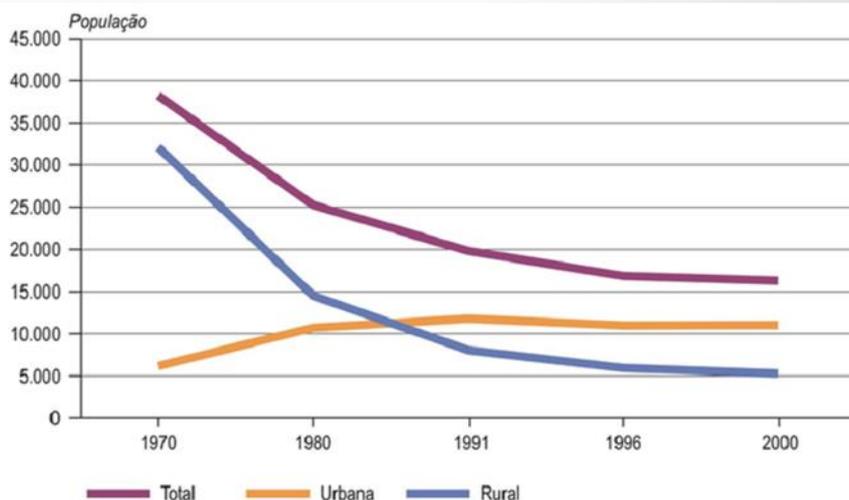
FONTE: [www.aplterraroxa.com.br](http://www.aplterraroxa.com.br)

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TERRA ROXA

A população inicial do município era de migrantes da região norte do estado, oriundos do nordeste e sudeste do Brasil. Na década de 1960, também vieram migrantes da região sul radicando-se principalmente, no distrito Santa Rita D' Oeste. Conforme os dados apresentados pelo IBGE, em 1960, a população era de 5.916 habitantes e na década de 1970, passou para 38.353 habitantes.

A partir dos anos 1980, houve um decréscimo da população de Terra Roxa. Dentre os diversos motivos, o êxodo rural foi significativo, pois com o desmatamento para o plantio de café o clima deixou de ser estável na região, em decorrência as grandes geadas começaram a queimar as lavouras de café. Os cafeicultores, descontentes, e com a chegada de modernas técnicas de agricultura, começaram a mecanizar as lavouras. O uso de inseticidas próximos as residências, o alto custo da mecanização e fatores econômicos levaram os pequenos proprietários rurais a venderem suas terras e buscarem as cidades e até outras regiões. (Site)

A transformação da base econômica de Terra Roxa – com a substituição do café pela produção de soja e trigo – refletiu-se de forma importante na ocupação da mão de obra. A mão de obra rural, substituída por máquinas e equipamentos, apresentou grande redução. Assim, houve um esvaziamento populacional significativo devido à diminuição e perda dos postos de trabalho do campo. Desse modo, grande parte dos trabalhadores migrou para outros municípios em busca de novas alternativas de ocupação e de renda. O gráfico 1 demonstra a redução populacional de Terra Roxa.



FONTES: IBGE

GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TERRA ROXA

Nesse sentido, fica visível o decréscimo populacional apresentado pelo município de Terra Roxa devido à transformação do modelo de produção agrícola, que afetou não somente este município, mas todo o Oeste do Paraná. Da mesma forma, a transferência de parte da população rural para o urbano fez com que o grau de urbanização aumentasse significativamente em Terra Roxa, passando de 15%, em 1970, para 68%, em 2000.

A mudança na cidade de Terra Roxa começa na década de 1990, com o surgimento das primeiras indústrias de confecções de moda bebê, as principais responsáveis pela absorção de mão de obra e por um efeito de encadeamento com os setores secundário e terciário nunca visto antes no município. A partir desse período, Terra Roxa entra em uma nova fase de ascensão econômica e de desenvolvimento local (IPARDES, 2006).

De 1995 a 2003 quarenta e seis indústrias são abertas, segundo dados da Secretaria da Fazenda Municipal de Terra Roxa, tais indústrias registraram uma rápida absorção e expansão da mão de obra local. Essas indústrias geraram no ano de 2003, 1900 postos de trabalho, que somados aos trabalhadores terceirizados ultrapassam 2,5 mil, representando 84 % do emprego formal do município. A grande maioria das indústrias de confecção de roupas infantis, são micro e pequenas quanto ao porte (93% tem até 50 funcionários) sendo as demais de médio porte (STADUTO, WILLERS e AZEVEDO, 2005).

No ano de 2004, com apenas uma década de produção, as indústrias produziram mais de 200 mil peças/mês, comercializadas em todo território nacional. A qualidade dos produtos atribuiu a Terra Roxa, a partir de 2003, o título de “Capital Nacional de Moda Bebê”.

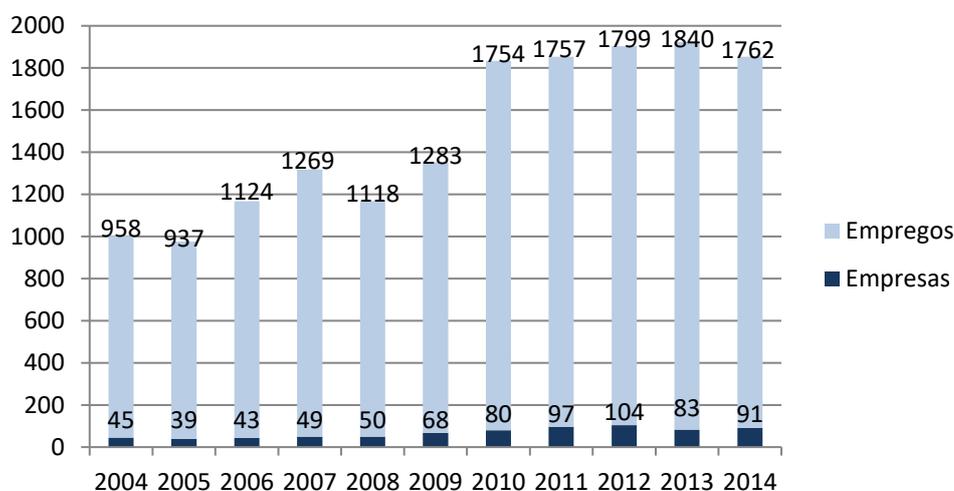
#### 4.2. O APL Moda Bebê e o desenvolvimento Econômico Social de Terra Roxa

O aumento do número de empresas de moda bebê em Terra Roxa, fez com que os gestores percebessem certos benefícios em relação à segmentação do produto. A qualidade da mão de obra, por exemplo, indicou um diferencial competitivo que deveria ser mais bem explorado. Houve uma organização por parte do empresariado que decidiu obter benefícios comuns ao segmento, tais como: melhor preço de compra de matéria prima, atração de fornecedores para o município, uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), ampliação de estrutura física e de cursos profissionalizantes, inserção mais eficiente dos produtos no mercado nacional e em médio prazo internacional (WILLERS, 2006).

A partir deste ideal é fundada a associação “Arranjo Produtivo Local (APL) de moda bebê de Terra Roxa” no ano 2004, que congrega cerca de 80% das indústrias do setor. O APL moda bebê se caracteriza por conter um aglomerado de empresas especializadas na confecção de roupas infantis de 0 a 1 ano, bordadas (IPARDES, 2006).

A viabilização do APL adveio da iniciativa de alguns empresários, do trabalho realizado pelo SEBRAE-PR e da Associação Comercial, Industrial e da Agricultura de Terra Roxa (ACIATRA), desde o ano de 2001.

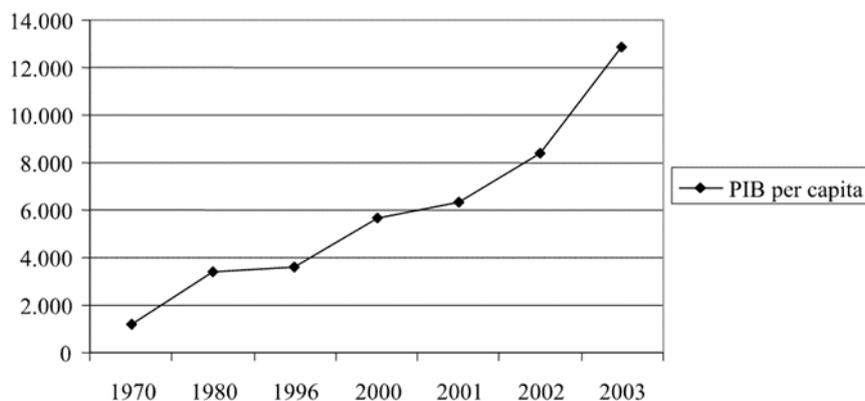
Atualmente, o município de Terra Roxa possui uma população estimada de 17.517 habitantes (IBGE, 2015), com uma dinâmica econômica fortemente a atividade industrial têxtil com ênfase na confecção infantil. O gráfico 2 mostra a evolução de empregos e de empresas dos últimos dez anos.



FONTE: IPARDES (2015).

GRÁFICO 2 – EMPREGOS E EMPRESAS DE CONFECCÃO INFANTIL DE TERRA ROXA

A representatividade do setor industrial torna-se cada vez mais importante com o passar dos anos. Em 2004, o setor foi responsável por 10,47% do valor adicionado total do município, sendo que, em 2003, o ramo têxtil e de vestuário representou 44% do valor adicionado da indústria de Terra Roxa, índice que reforça a posição do segmento como importante vetor de desenvolvimento econômico local.



FONTE: IPARDES (2005).

GRÁFICO 3 – PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) PER CAPITA DO MUNICÍPIO DE TERRA ROXA

O número de empregos e indústrias de confecções infantis no município de Terra Roxa confirma a especialização da região e a importância destas indústrias para o desenvolvimento sócio econômico do município. O aumento do número de empresas de moda bebê alavancou o aumento de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviço em Terra Roxa.

A interrupção da evasão populacional é outro benefício a ser citado decorrente da atividade industrial. A análise dos dados históricos do município revela que a motivação para a evasão populacional foi reflexo do baixo dinamismo econômico e conseqüente queda na ocupação da mão de obra.

O aumento da absorção da produção das indústrias de confecções infantis pelo mercado estimulou a demanda por mão de obra especializada. Este fato ampliou o número de vagas nas indústrias, que aproveitou o número significativo de trabalhadores ociosos na década de 1990.

## 5. Conclusões

Diversos autores destacam que o sucesso de uma atividade econômica é em grande parte uma construção social – pois empresas individuais não permanecem ou desaparecem como resultado exclusivo de seus próprios esforços. Dependem dos efeitos mutuamente fortalecedores do sucesso de cada uma, definidas por economias externas positivas providas das aglomerações geográficas que definem, de fato, a indústria de uma região.

Várias experiências concretas e significativas no exterior e no Brasil, têm atestado que esta estratégia de organização de Pequenas e Médias Empresas (PME) em APL oferece os melhores resultados do ponto de vista tanto econômico quanto social. As empresas integrantes dos APLs desenvolvem habilidades, eficiência coletiva e capacidade competitiva, em um grau muito acima do que se estivessem atuando isoladamente, conseguiriam. Os arranjos produtivos locais assumiram relevância como formas de organização da produção de bens e serviços e unidades de referência para a formulação e operacionalização de políticas públicas voltadas para o fomento das atividades econômicas.

Considerando que as dimensões institucional e regional constituem elementos cruciais do processo de capacitação produtiva e inovativa, a promoção de cooperação multi institucional é um requisito para a efetivação dos programas e políticas de apoio em favor dos APL.

O presente artigo se propôs a analisar a influência do Arranjo Produtivo Local de Moda Bebê no desenvolvimento Econômico Social de Terra Roxa. A estratégia de escolha de produtos diferenciados pode garantir maior sustentabilidade frente às mudanças do meio ambiente externo, especialmente a competição global. Os resultados desta análise podem ser observados, como segue:

- Desenvolvimento econômico local evidenciado por meio do aumento do PIB.
- Absorção da mão de obra ociosa do município.
- Interrupção da evasão populacional.
- Aumento do número de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviço.

O estudo em questão evidencia a influência do APL no desenvolvimento econômico social da região. Todavia como o surgimento do APL se deu por uma série de incentivos e parceria público privada, indica-se como oportunidade de trabalho futuro os elementos motivadores que

contribuem para o surgimento organizado e crescimento saudável e sustentável dos APL.

### Referências

AMATO NETO, J.; et al. Competitividade e cooperação em aglomerados, redes e sistemas de produção e inovação no Brasil. In: Tópicos Emergentes e Desafios Metodológicos em Engenharia de Produção: Casos, Experiências e Proposições, v. 5. Rio de Janeiro: ABEPRO, p. 131-192, 2012. Disponível em: <<http://dspace.unav.es/dspace/handle/10171/6278>>. Acesso em: 13/7/2019.

ANTONELLI, C.; FASSIO, C. The economics of the light economy: globalization, skill biased technological change and slow growth. **Technological Forecasting and Social Change**. v. 87, p. 89-107, 2014.

BAREGHEH, A.; ROWLEY, J.; SAMBROOK, S. Towards a multidisciplinary definition of innovation. *Management Decision*, [S.l.], v. 47, n. 8, p. 1323-1339, 2009.

CASAROTTO FILHO, N. Clusters e inovação: as mudanças nos distritos industriais e a quarta etapa da intervenção na região da Emília-Romagna. In: AMATO NETO, J. (org.) Anais do Terceiro Seminário Internacional de Inovação na Pequena e Média Empresa. São Paulo, Poli-USP, 2015.

CASAROTTO FILHO, N. Redes de pequenas e medias empresas e desenvolvimento local, notas de aula, disciplina do curso de pós graduação em engenharia de produção, UFSC, Florianópolis, 2018.

CASAROTTO FILHO, N.; PIRES, L. H. (2001). Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana. São Paulo: Atlas.

CUNHA, I. J. Governança, internacionalização e competitividade de aglomerados produtivos de móveis no Sul do Brasil, Portugal e Espanha. Chapecó: Arcus Ind. Gráfica, 2007.

DALLA VECCHIA, R. V. R. (2006). Arranjos produtivos locais como estratégia de desenvolvimento regional e local. *Capital Científico*, v. 4, n. 1, Jan/Dez.

DALMORO, M.; VIEIRA, K. M.; VENTURINI, J. C. Percepção dos fatores de sucesso e insucesso de redes inter organizacionais de cooperação. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 5., 2008. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008, p.1-15.

FISCHER, A.; ROVER, A.; FRANZOZI, L. C.; MELLO, M. O. **Aliança estratégica: rede oeste de cooperação de empresas contábeis de Santa Catarina**. Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online), Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 58-78, 2014.

FUMAGALLI, Serena; TRENTI, Stefania (Ed.). Il ruolo dell'innovazione tecnologica nel distretto delle macchine agricole di modena e reggio Emilia. In: MOSCONI, Franco (Ed.). *La metamorfosi del modelo emiliano*: L'Emilia-Romagna e i distretti industriali che cambiano. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 2012. p. 243-259.

GEROLAMO, M. C.; CARPINETTI, L. C. R.; FIESCHUTZ, T.; SELIGER, G. (2008). Clusters e redes de cooperação de pequenas e médias empresas: observatório europeu, caso alemão e contribuições ao caso brasileiro. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 15, n. 2, p. 351-365, maio-ago.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MACEDO, M. A. (2015). **A Gestão do Design como fator de inovação em redes de empresas: O Caso do Santa Catarina Moda e Cultura (SCMC)**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

MATTIODA, E.; NODARI, C. H.; OLEA, P. M. (2009). Vantagens Competitivas em Clusters de empresas: estudo de caso no arranjo moveleiro da Serra Gaúcha. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 7, n.1, Janeiro / Abril – 2009.

PORTER, M. E. (1990). *Competição*, Rio, Campus, 1990

PORTER, M. E. (1998). Clusters and the new economics competition. **Harvard Business Review**, v. 76, n. 6, Nov/Dec.

PORTER, M. E. (1999). Cluster e competitividade. *H S M Management*, São Paulo, Vol.3, n. 15, p.100-110, jul-ago.

SCHMITZ, H.; NADVI, K. Clustering and industrialization: introduction. **World Development**, v. 27, n. 9, p. 1503-1514, 1999.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Laboratório de Ensino a Distância, 4. ed. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

SOHN, Ana Paula Lisboa. **Análise da aprendizagem colaborativa na geração de vantagens competitivas em clusters têxteis e de vestuário no Brasil e na Europa**. 2015. 162 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção, Departamento de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

TAVARES, W.; CASTRO, C. C. DE. Benefícios competitivos advindos do desenvolvimento de uma aglomeração produtiva : o caso do setortêxtil na microrregião de Campo Belo (MG). *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 10, n. 1, p. 80–104, 2014.

VERSCHOORE, J. R.; BALESTRIN, A. Ganhos competitivos das empresas em redes de cooperação. *Revista de Administração USP Eletrônica*, v. 1, n. 1, p. 1–21, 2008.

WEGNER D.; DAHMER, L.V. Avaliação de Desempenho em Redes de Empresas. XXIV ENEGEP - Encontro Nacional de Engenharia de Produção. **Anais...** Florianópolis, 2004.

**WILLERS, E. M. (2006). Estratégia de desenvolvimento econômico local: o caso do município de Terra Roxa. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Toledo, 2006.**

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZACCARELLI, S. B. A nova ideologia da competição. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 1, p. 14-21, 1995.